

A Obra Nasce #14

➤ A vocação transdisciplinar da cidade contemporânea: leituras e representação; análise e projecto

A cidade é um objecto de estudo fascinante, sempre actual porque constantemente renovado, e tão inesgotável de originalidade quanto a sociedade, na sua progressiva e contínua metamorfose, o permita. Sendo seu espelho, ela – a cidade – imbui-se das características das comunidades que a constroem, as quais (necessariamente) a sua expressão física denota. Tal afirmação ganha uma particular consistência quando a generalidade da literatura científica sobre a cidade contemporânea, em especial a partir dos anos 90 do século passado, revela falta de consenso sobre o seu significado e a denominação por que responde, quer o exercício de compreensão se faça a partir da Arquitectura/Urbanismo, da Geografia, da Sociologia, da Economia... Génese, dimensão, forma, mas também (des)organização social, económica, política, cultural, são aspectos de uma *totalidade* que não se correspondem já com a *totalidade* a que antes davam sentido. Em crise de valores essenciais e processo de resignificação, cidade e sociedade (interdependentes, mas nem sempre em caminhos conscientemente cruzados) buscam-se no interior de equilíbrios instáveis, ou “líquidos”, para usar a tão vívida metáfora de Z. Bauman.

O campo disciplinar específico do Urbanismo, ao ter na cidade o seu alicerce, vive, em consequência, momentos re-fundacionais. Face à supramencionada crise que nem todos reconhecem ou aceitam, a verdade dos factos impõe-se e boa parte dos instrumentos da teoria e da prática mostram-se desarticulados da realidade; impotentes ou insuficientes para nela agir. Paralelamente, como a dar razão tautológica a uma evidência, novos motores de questionamento surgem diariamente, quer ao nível da informação/dados, quer dos suportes (*hardware* e *software*) que os permitem trabalhar. As possibilidades de estudo, compreensão e representação da cidade são hoje ampliadas relativamente a um passado recente e desejavelmente introduzem distintos modos de a olhar, de apreender a sua crescente e diferente complexidade, de interrelacionar e integrar matérias/assuntos e, no final, de intervir sobre ela, no caso específico, de a analisar e compreender para a projectar e/ou planear. O cruzamento de campos disciplinares diversos, se sempre foi inerente ao Urbanismo – justamente pela complexidade temática que o pensamento sobre a cidade supõe –, é, portanto, mais do que nunca, inevitável e central no redesenho do seu conteúdo conceptual e instrumental.

Mais do que a interdisciplinaridade, porém, é a transdisciplinaridade que permite renovar o modo de ver, de equacionar a partir de dentro, sendo por isso um recurso fundamental quando outros se esgotam. É também um artifício estratégico para quebrar “circuitos fechados” confortáveis no interior de áreas científicas/profissionais e testar, mudando o foco, hipóteses aparentemente incontroversas. No contexto específico da cidade (em toda a amplitude semântica que o termo hoje contém e cujo desenvolvimento não é, aqui e agora, oportuno), a sua aplicação é crucial, com tanto mais sentido quanto esse objecto de estudo é orgânico e por isso essencialmente não contido em fronteiras de conhecimento, senão as que comodamente permitem circunscrever e tornar operativa a complexidade que o caracteriza.

O presente número da Revista “A Obra Nasce” dirige-se a esta visão transdisciplinar sobre a cidade, apelando à sua leitura contemporânea, i.e., a partir dos recursos que o presente nos oferece, desejavelmente colocada desde a perspectiva organizadora do arquitecto, do urbanista, do que pensa o espaço físico como protagonista da análise e do projecto, ou antes dito, da intervenção, para deixar abertura maior às leituras possíveis.

A Obra Nasce #14

➤ The transdisciplinary calling of the contemporary city: readings and representation; analysis and project

The city is a fascinating case study, always up-to-date inasmuch as constantly renewed, and as endlessly original as society, within its gradual and permanent metamorphosis, allows it to be. As its mirror, the city is imbued with the characteristics of the communities that build it, and which are (necessarily) conveyed by its physical expression. Scientific literature, in general and particularly from the 1990s on, illustrates and reinforces this statement as it reveals the lack of consensus regarding both the meaning of the city and the designation that fits it, no matter if the arguments come from Architecture/Urbanism, Geography, Sociology, Economy... Origin, size, shape, as well as social, economic, political, cultural, (dis)organisation are aspects of a *whole* that no longer find correspondence within the *whole* to which they once accorded a sense. Subsumed under both a crisis of essential values and a re-signification process, city and society (interdependent, though not always on consciously interwoven paths) search for for themselves within unstable balances, or "*liquid*" ones, to make use of Z. Bauman's vivid metaphor.

The specific disciplinary field of Urbanism, since it has the city as its core, is therefore living re-foundational moments. In the light of the aforementioned crisis that not everyone recognizes or accepts, the hard facts speak for themselves and a significant amount of theoretical and operative tools appear disjointed from reality; inefficient or insufficient to act upon it. At the same time, seeming to grant tautological support to the obvious, new triggers for questioning emerge on a daily basis, whether at the information/data level or in the realm of the technical support (*hardware e software*) that allows working with that data. The possibilities for studying, understanding and representing the city are now widened when compared to a recent past, and hopefully have introduced different ways of looking and apprehending its growing and changed complexity, as well as new modes of interrelating and integrating city-related matters. In the end, different ways of analysing and understanding the city, in order to design and/or plan it, have been introduced. The intersection of diverse disciplinary fields, though always inherent to Urbanism – due precisely to the thematic complexity presupposed in the act of reasoning about the city – is, thus, more than ever, unavoidable and central to redrafting its conceptual and operational set.

More than interdisciplinarity, however, it is transdisciplinarity that allows a renewing of the perspective, a questioning from within, thus acting as a fundamental resource when others fail. It is also a strategic device to break comfortable "closed circles" inside scientific/professional fields and for testing seemingly undisputed hypothesis, by shifting the focus. Within the specific context of the city (in all the wide latitude the term's semantics hold today – this not being however the time or the place to discuss it), the use of transdisciplinarity is crucial, and all the more so given that the research subject has an organic nature and is therefore essentially opposed to the bounds of disciplinary knowledge, to the exception of those convenient dividing lines that make it possible to convert its defining complexity into manageable entities.

This issue of the Journal is aimed at this transdisciplinary vision of the city, and calls for a contemporary reading of it, i.e., stemming from the resources offered today, wishfully envisaged under the organising view of the architect, the urban designer, of all those that hold physical space as the protagonist of the analysis and project – or rather, as the core material of the *intervention* in the city, so as to leave a wider opening to all possible readings.